

Todos têm menos de 30 anos, vestem roupas de brim, usam cabelos e barbas compridos. Todas as noites reúnem-se na porta de um bar tomando cerveja e batendo papo na esquina da rua da Consolação com a avenida Paulista. A conversa é sempre a mesma: o clássico de Eisenstein exibido na semana passada, o novo Jodorowski que alguém viu na Europa, a linguagem de Hirszman em **São Bernardo**. São os herdeiros de Godard, os filhos enfeitados de um cinema paulista que teima em não engrenar, parentes próximos daqueles que há alguns anos formaram no Rio a "geração Paissandu". Talvez por isso, alguém já os apelidou "a geração Ponto-4". Em vez do

clamar uma nova programação do diretor técnico da SAC, Bernardo Vorobow. Assim, fazendo parte da "geração Ponto-4", você poderá até ter uma falsa impressão de euforia cinematográfica.

Nos últimos dois anos o movimento cinematográfico em São Paulo mudou muito. O renascimento pode ser marcado a partir da volta às atividades da Sociedade Amigos da Cinemateca, em 1970. Fundada em 1962 por um grupo de intelectuais — formado entre outros, por Rudá Andrade, Paulo Emilio Salles Gomes e Francisco Luiz de Almeida Salles — a SAC permaneceu inativa durante dois anos (1968-70) até o desdobramento do Cine Belas Artes em três Salas: duas para exibições normais (Villa Lobos e Portinari) e uma para uso exclusivo dos sócios da SAC (Sala Mário de Andrade, com 100 lugares).

Atualmente a SAC tem 350 sócios com direito a freqüentar graciosamente as três

CULTURA CINEMATOGRAFICA EM SÃO PAULO

RUBENS EWALD FILHO

nome de um cinema (o ex-Paissandu, hoje Studio Paissandu), o de um bar muito paulista: um balcão, umas poucas mesas no porão, medíocre no cardápio e atendimento.

Ali, no "Ponto-4", se reúnem os estudantes da USP, os universitários de Comunicações, os boêmios e aqueles que simplesmente se interessam por cinema. A movimentação do bar é antes de tudo uma questão geográfica: basta atravessar a rua para chegar às três Salas do Belas Artes programadas pela Sociedade Amigos da Cinemateca (SAC). Mas é também uma questão de moda: todo intelectual em perspectiva tem de freqüentar o Ponto-4, ser sócio da SAC e espectador habitual das programações do Museu de Arte de São Paulo (MASP), algumas quadras acima, na avenida Paulista. Numa das mesas do bar pode ter a emoção suprema de ser convidado para assistir ao copião do último filme de Ozu-aldio Candeias, discutir com críticos ou re-

salas, cedidas por um convênio com a Companhia Serrador. A entidade tem um convênio com a Fundação Cinemateca Brasileira, que lhe empresta todos os filmes de seu acervo e trabalha com filmes cedidos por Embaixadas e Consulados. A base de uma sessão diária, já apresentou este ano retrospectivas do Cinema Tcheco e do Neo-Realismo, ciclos em homenagem a Jean Gabin e D. W. Griffith, além de um sobre o Cinema Francês Inédito. E mais um curso sobre a "Problemática dos Anos Vinte", principalmente na "avant-garde" soviética.

Para os próximos meses, o diretor Bernardo Vorobow tem muitos planos e um sonho: "Vamos realizar uma homenagem ao cinema paulista, fazendo uma retrospectiva de todos os filmes importantes desde 1920, ciclos dedicados a dois grandes personagens do cinema brasileiro: Dercy Gonçalves e José Lewgoy, e uma Mostra do Cinema Soviético de 1934 a 1960". Quanto ao so-

nho, ele confessa ser "um pouco pretenso": aumentar o número de sessões da SAC até o máximo de seis por dia, seguindo os moldes da Cinemateca Francesa. Mas, para realizá-lo, vê muitos obstáculos, principalmente o desgaste das cópias, quase sempre únicas e dificilmente recuperáveis.

A SAC também tem a preocupação de formar aos poucos uma filmoteca, conservando fotos, cartazes e cópias, num trabalho ingrato e difícil. Bernardo Vorobcw também faz a programação do MAC (Museu de Arte Contemporânea), que funciona no Ibirapuera. Lá, os maiores problemas são a fixação de horários (as sessões têm de ser às 18 hs.), a liberação de verbas e a localização (o parque Ibirapuera é de difícil acesso).

Também no recém-fundado Museu Segall o problema é a localização (rua Afonso Celso, 362, bairro de Vila Mariana). Sua programação se baseia na reexibição dos clássicos e na valorização do cinema brasileiro, contando ainda com um outro grande ponto de atração: a Biblioteca da Fundação Cinemateca, que ficou sob sua guarda.

No Teatro Anchieta, de propriedade do SESC, o problema é a sala estar continuamente ocupada por espetáculos teatrais. Assim, lhe restam as segundas-feiras para apresentar ciclos em homenagem à crítica (filmes escolhidos pelos críticos paulistas) ou exibir pela última vez filmes cujo certificado de censura está expirando.

Embora o Curso de Cinema da Escola de Comunicações da USP seja o mais importante e o de melhor equipamento do Brasil, sua atuação cultural tem sido discreta. A exceção da realização coletiva **Vozes do Medo**, a Escola ainda não revelou nenhum cineasta ou obra importante. Atualmente ela está produzindo um longa-metragem: "Aqui Outrora Retumbaram Hinos", documentário sobre a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, utilizando o material de seus arquivos doado à Cinemateca. O filme será, segundo seu diretor João Candido, "uma visão romântica, mostrando um lado desconhecido da Vera Cruz", inclusive testes de atores, de figurinos, e um filme em 8mm com a festa de apresentação da Vera Cruz na casa de Franco Zampari, seu fundador.

Mas de todas as promoções cinematográficas, a de maior sucesso tem sido a do MASP (Museu de Arte de São Paulo, avenida Paulista, 1578). Desde que o crítico A. Carvalhaes passou a ocupar o cargo de Supervisor do Departamento de Cinema, há mais de três anos, vem trabalhando sem nenhuma dotação de verba, sendo obrigado a tornar suas exposições autofinanciáveis. E todas têm alcançado um extraordinário êxito. Em 1973 o MASP exibiu ciclos de filmes de Buster Keaton, Edward G. Robinson, James Cagney, Akira Kurosawa e Hiroshi Inagaki, uma Retrospectiva dos "melhores filmes de todos os tempos", semanas de filmes inéditos da Alemanha, Polônia, Bulgária e do Festival de Oberhausen, ciclos sobre o boxe, a guerra, o desenho animado, cursos de cinema, além de sessões especiais para crianças ("Sessão Cebolinha") e filmes em fim de semana ("Sessão Flash-Back").

O MASP conta com dois auditórios: o Grande (440 lugares) e o pequeno (80 lugares), um público fiel e interessado. Uma pesquisa revelou que a maior parte das pessoas que visitam o Museu pela primeira vez estão interessadas em sua programação de cinema. Os pedidos do público jovem são quase sempre de apresentação de filmes que eles não puderam ver por não ter idade suficiente: as realizações do Cinema Novo, de Bergman, Godard, Fellini, os musicais da Metro, da Warner e de Carmen Miranda. E o MASP faz o possível para atendê-los. Este ano, de acordo com a Ci-

nemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Carvalhaes resolveu passar à ofensiva. Viajou da Europa à Ásia, procurando estabelecer uma nova e ousada programação. A partir de outubro os planos do MASP incluem: Os Melhores Desenhos Animados Poloneses (41 filmes premiados em festivais internacionais), Semana do Cinema Húngaro, Semana do Cinema Polonês, Retrospectiva de Andrzej Wajda (com a possível presença do diretor polonês), de Bert Haanstra e palestras de Francis Ford Coppola, o diretor de **The Godfather** (O Poderoso Chefão), que aceitou o convite para vir ao Brasil.

Outras duas organizações também promovem sessões especiais: a Aliança Francesa, que exhibe às segundas-feiras, no Teatro da Aliança, filmes do acervo da Embaixada da França (mas sua repercussão é mínima, quase reduzida aos seus alunos) e a Casa de Goethe (mas os filmes alemães têm sido exibidos ultimamente em colaboração com o MASP).

Apesar de todo esse público em potencial, São Paulo ainda tem o seu Cinema I. Prometido há mais de um ano e meio, sua inauguração está prevista para agosto ou setembro, no local do antigo Cine Orly, na rua Augusta. O filme de estréia: **Singin' in the Rain** (Cantando na Chuva).

Por enquanto, é o Cine Marachá-Augusta que vem cumprindo seu papel de cinema de arte. Apesar da projeção deficiente, a programação orientada por Alvaro Moya criou a "sessão maldita" (quartas-feiras às 22 horas), quando é exibido um filme cujo lançamento comercial no circuito normal não teve a repercussão merecida. Nas sextas-feiras à meia-noite é a vez da "Sessão Insólita", com filmes de ficção científica ou terror. E sábados, também à meia-noite, pré-estréias.

Além disso, há uma instituição bem paulista, constituída pelas duas pequenas salas do Bijou na Praça Roosevelt. Há quase 15 anos elas programam exclusivamente filmes de arte. O público, na maior parte universitários, sempre volta para pedir **Zorba, o Grego**, **The Vanishing Point** (Corrida Contra o Destino) ou **Satyricon**. Modestamente, são o equivalente paulista das "art-houses" de Park Avenue ou Saint-Germain-des-Près.